mitos do mundo

Betty Mindlin

O primeiro homem
e outros mitos dos índios brasileiros

ilustrações de Luana Geiger

Cosac & Naify

Copyright © 2001 Betty Mindlin
Direitos para publicação adquiridos
por Cosac & Naify Edições
Rua General Jardim, 770, 2º andar
São Paulo CEP 01223-010
Tel [11] 255 8808 Fax [11] 255 3364
info@cosacnaify.com.br

Coordenação da coleção **mitos do mundo**:
Betty Mindlin e Maria José Silveira
Capa e projeto gráfico: Elaine Ramos

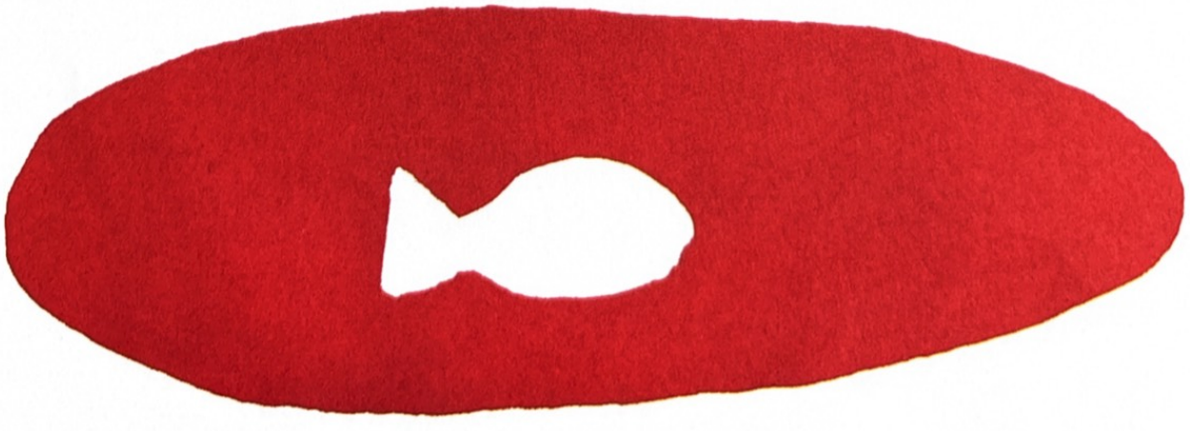
Catalogação na Fonte do Departamento Nacional do Livro
Fundação Biblioteca Nacional

Mindlin, Betty
Betty Mindlin: O primeiro homem e outros mitos
dos índios brasileiros
Ilustrações: Luana Geiger
80p.
São Paulo, Cosac & Naify Edições, 2001

ISBN: 85-7503-049-3

1. Perspectiva da literatura infantil 2. Narrativa infantil,
técnicas da. 3. Betty Mindlin

CDD: 808.068



Betty Mindlin

O primeiro homem

e outros mitos dos índios brasileiros

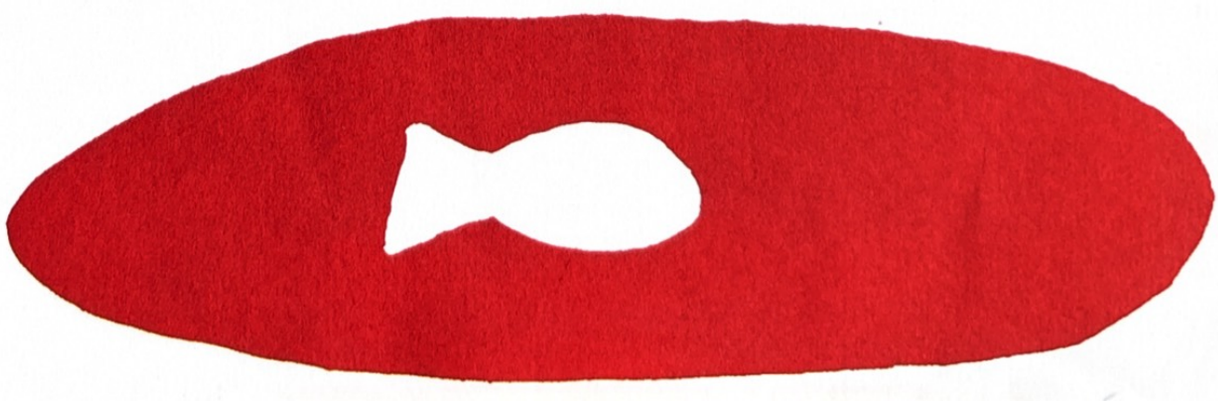
ilustrações de Luana Geiger

IJ 001 Ac 22 05 23

7 Apresentação

13 O começo da humanidade
19 A fera que nasceu junto com a humanidade
25 A humanidade desce à terra
31 A cabeça voadora
39 A bruxa
45 A história do peido
47 O menino que fazia cocô de amendoim
53 Peixoté, ou a casa dos espíritos
65 Santi, o perneta, ou a risada inconveniente

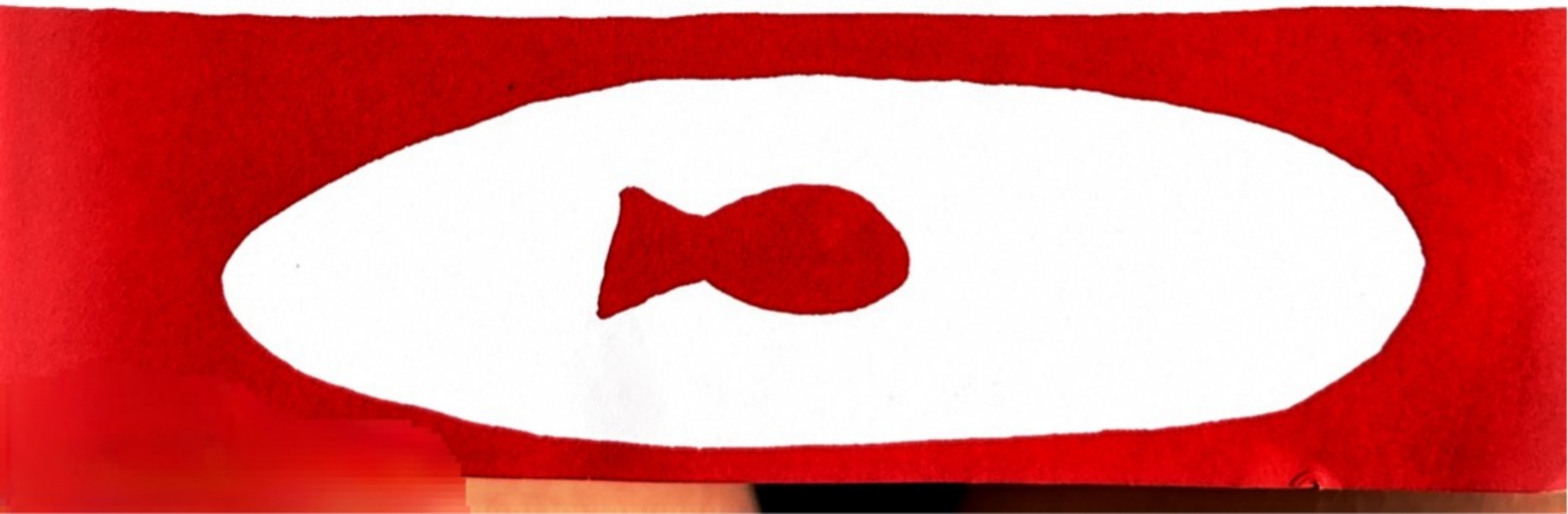
73 Os povos indígenas das histórias



Apresentação

Os mitos indígenas são histórias tradicionais contadas de geração em geração, ensinadas pelos pais aos filhos, pelos avós aos netos. São fundamentais para um povo, marcam sua identidade, são uma riqueza cultural, às vezes secreta, pertencente àquela comunidade.

Os mitos freqüentemente falam de acontecimentos fantásticos, mágicos. É por isso que muita gente pensa e diz que mito é invenção, mentira, ficção; mas para os povos que os contam, donos das histórias, e para quem souber decifrar sua linguagem poética, os mitos são uma história verdadeira, uma explicação sobre o mundo, sobre o que é viver, sobre a origem da humanidade, sobre o aparecimento da agricultura, da caça, das plantas, das estrelas, do homem e da mulher, do fogo, do sol, da lua, de tudo o que se puder imaginar. Há histórias de fantasmas, de bichos que viram gente ou o contrário, de pedaços do corpo



que voam e falam. São histórias sagradas, preciosas, respeitadas por todos.

O Brasil tem mais de 200 povos indígenas, mais de 170 línguas. A população indígena brasileira é estimada em 350 mil pessoas. Cada povo tem uma mitologia característica, única. Este livro tem nove histórias, de seis povos diferentes — é uma amostra pequena, para dar vontade de conhecer mais, saber mais o que os índios pensam, como vivem, quem são.

Os mitos indígenas são falados; originalmente não eram escritos. Quem faz parte de um povo, ao ouvir os mais velhos, vai aprendendo a tradição falada. As narrativas são acompanhadas de gestos, de cantigas, de música, contêm cenas que parecem teatro, podem ser muito compridas, durar horas e horas.

A tradição indígena só foi escrita por alguns poucos estudiosos que ouviram e se preocuparam em documentá-la e registrá-la, como os primeiros cronistas e viajantes no Brasil e, depois, os antropólogos.

Hoje, os índios conquistaram a participação na cidadania brasileira, têm escolas e são professores. Muitos mitos estão sendo escritos, em português e nas suas línguas de origem, podendo ser lidos nas escolas dos índios e nas escolas das cidades.

Escrever é bem diferente de contar; a história fica diferente, acaba tendo um pouco o jeito de quem escreve, fica mais curta, mas muito mais gente pode ficar conhecendo. Agora estão surgindo índios escritores, em sua língua e em português. Neste livro, como você vai perceber, as histórias têm um ar de fala, que deve ser valorizado por ser popular, usual, criativo, mesmo que nem sempre corresponda ao que um livro de gramática determina como o mais correto.

As histórias deste livro foram ouvidas nas línguas indígenas por antropólogos (seis foram registradas por mim), depois traduzidas para o português e então escritas. Há uma história contada por um povo que não fala mais a sua língua, os Tremembé, só falam o português.

As histórias contadas aqui são mitos vivos, tanto quanto as histórias da Bíblia, como a de Adão e Eva, ou os mitos gregos, entre eles, a belíssima história de Ulisses, a *Odisséia*. Esses mitos dos índios estão vivos porque ainda são contados hoje, em diferentes cantos do Brasil, por narradores considerados sábios. Depois de lê-los, talvez você se aventure e consiga ir ouvir outras milhares de histórias dos nossos duzentos povos brasileiros, recitadas nas noites estreladas das florestas e dos cerrados das áreas indígenas.

O começo da humanidade

Não existia gente no mundo, apenas um homem chamado Toba com sua mulher. Plantavam macaxeira, milho, batatas, banana, mamão.

Fora a roça deles, tudo era natureza, sem plantação alguma.

Eram só os dois sozinhos. Nem sequer bichos havia; só a cutia e o nambu-relógio.

Toba debulhava o milho e fazia montinhos.

Um dia, viu que a colheita estava desaparecendo. Imaginando que o ladrão podia ser a cutia, se não fosse a tanajura ou a saúva, fez uma tocaia para espreitá-la, bem de madrugada.

Em vez de cutia, viu que era gente, debaixo da terra, que esticava a mão por um buraco para roubar seu milho. Toba conseguia ouvir conversas no subterrâneo, pessoas brigando para ver quem poria primeiro a mão para surripiar o milho.

A saída do mundo subterrâneo era um buraco tampado por uma rocha pesadísssima.

Toba fez força e conseguiu levantá-la para as pessoas saírem; mas tinha que ficar segurando o peso imenso, apressando o povo enquanto sustentava a rocha.

As pessoas foram saindo. Tinham mãos de pato, com os dedos grudados. Eram horrendas, diferentes das de hoje, com chifres, queixos protuberantes, narizes compridos e dentes aguçados, salientes. Iam saindo com todos os seus pertences, cestas, colares, arcos e flechas. Vinham fazendo barulho, brigando para ficar cada uma com mais milho que a outra.

Toba não queria que saísse a semente dos que não são índios, dos que são chamados "**brancos**".

"brancos": termo usado em muitas regiões para falar de quem não é índio. Sempre entre aspas por ser palavra preconceituosa, nem todos os que não são índios são brancos e todos nós temos muita mistura de origens.

Quando aparecia a cabeça de um homem ou mulher que não era índio querendo sair, Toba empurrava de volta para o buraco.

O pessoal começou a demorar muito para sair.

Havia uma mulher linda que, ao chegar à saída, lembrou que deixara a peneira lá embaixo; voltou para buscar. Todos a chamavam, mas nada dela aparecer.

Se tivesse saído, as pessoas hoje seriam lindíssimas, mas demorou tanto que Toba não agüentou mais segurar a rocha.

Toba foi ficando bravo, pois a semente dos "brancos" (um homem e uma mulher) conseguiu sair, mas a mulher linda acabou ficando lá dentro.

Toba pôs a rocha no lugar e fez banco e esteira para as pessoas sentarem. Começou então a consertá-las e separá-las em povos diferentes. Cortou os chifres, rabos, serrou os pés de pato.

Era uma operação demorada, e cada vez que o sol estava quase se pondo, Toba puxava-o para cima outra vez, para que não escurecesse logo, para poder ter um dia mais comprido.

Quando ajeitou tudo, Toba ensinou cantigas aos homens:

— Quem vai ser cantor? De que povo?

Os homens respondiam e escolhiam. Cada povo tinha sua cantiga e sua língua, e ficou assim.

Os Tupari aprenderam por último; Toba ralhava quando erravam. A cantiga começava assim

Tamairiran, tamairiran

A semente do "branco" ficou para trás.

O índio ficou sendo o dono da terra, porque saiu primeiro. O "branco" saiu por último; Toba queria que ele tivesse ficado lá embaixo.

Toba espalhou os povos dos índios por todos os cantos, aumentando a terra e o mato para todos caberem.

A fera que nasceu junto com a humanidade

Havia uma fera doida, Anhunhanam, que não deixou que lhe cortassem o chifre. Anhunhanam era muito malvado.

Casou e teve uma filha que, por sua vez, cresceu e casou.

Um dia a moça pediu à fera que tomasse conta do neto pequenino, enquanto ia à roça. Quando voltou, encontrou o pai, Anhunhanam, babando sangue, comendo o menino, roendo sua unha, seu dedo, sua piroca, deixando só carne viva.

Anhunhanam comia toda a meninada, matava os bichos e comia todos crus, era um terror.

Os homens se revoltaram, resolveram tomar alguma providência, para não acabarem. Inventaram uma armadilha.

Um pajé, ou mamoa em língua tupari, convidou a fera Anhunhanam para caçar pássaros, no alto de uma palmeira.

Anhunhanam avisou que, se não caçassem nada, comeria o pajé. Ouvindo a ameaça da fera, o pajé trepou em cima da pal-

meira para caçar pássaros. Viu um jacu e combinou com ele:

— Não vou caçar você, não, vou só fingir que o apanhei. Você põe uma flecha debaixo do braço e vai pulando, como se estivesse ferido, para a fera ir atrás.

Assim foi, e Anhunhanam, vendo o jacu flechado, foi atrás, perseguindo-o. O jacu pulava cada vez mais longe.

Enquanto transcorria o jogo da fera com o jacu, os homens aproveitavam para fugir.

Naquele tempo, o céu era bem baixinho, e o pajé tinha posto uma linha, um cipó, para os homens subirem. Eles foram segurando no cipó, alçando-se para o céu, enquanto o próprio céu ia se distanciando da terra.

O pajé deixara um papagaio ensinado, que falava muitas línguas, para despistar a fera.

Quando Anhunhanam voltou, furioso por não ter conseguido agarrar o jacu, perguntou pelos homens para o papagaio.

— Foram tomar uma **chicha** perto do **igarapé**! — respondeu o danado.

— Se eu não encontrar essa gente, eu vou comer você! — ameaçou a fera, mas não achou ninguém.

O papagaio aproveitou para ir fugindo com as pessoas, subindo pelo cipó. Foi se esconder no céu, no meio da estrelas, aquelas que em português têm o nome de Cruzeiro do Sul.

A fera foi atrás.

O louro já estava quase no céu, quando Anhunhanam começou a subir também.

Então, o louro foi cortando o cipó com o bico, e pronto! — a escada estourou, a fera caiu no chão, arrebentando-se toda.

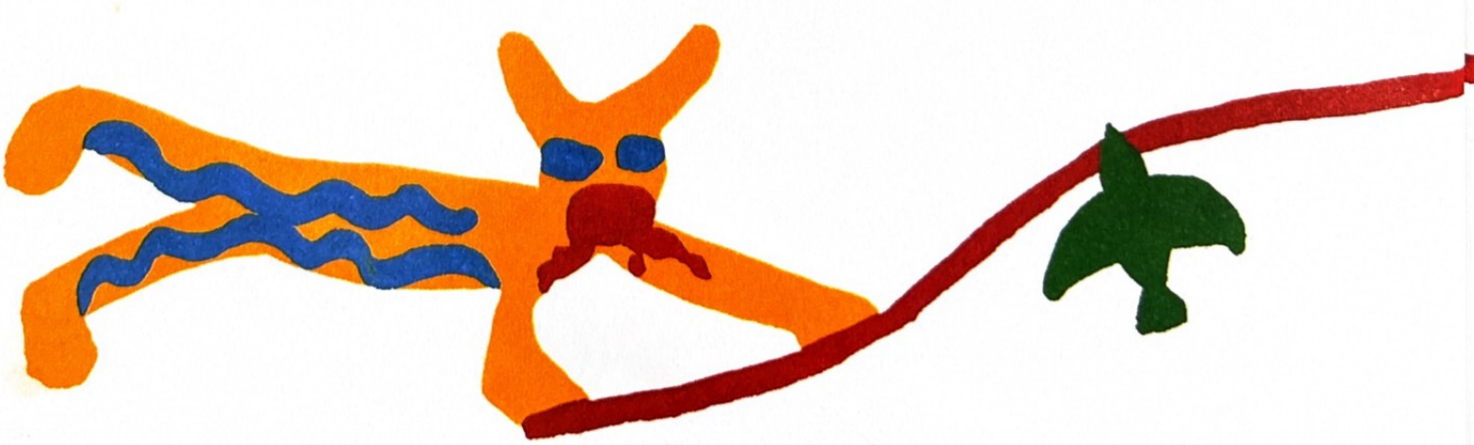
Só ficou o seu sangue espalhado pelo chão.

Quanto ao céu, passou a ficar bem alto, como é hoje.

---

chicha: bebida fermentada com pedaços de alimentos, como milho, macaxeira, mandioca, cará, mastigados pelas mulheres.

igarapé: rio pequeno, geralmente navegável.



A humanidade desce à terra

Antigamente, todos os homens viviam no céu. Alguns ainda estão lá, são as estrelas.

No tempo da vida celeste, um velho, numa caçada, viu um tatu e o perseguiu. O tatu enfiou-se terra adentro e o homem cavava cada vez mais fundo para apanhá-lo.

Cavou o dia todo sem conseguir pegar o tatu.

Voltou para casa, mas no dia seguinte recomeçou a cavar.

Dizia à mulher:

— Quero pegar o tatu!

Cavou durante oito dias e estava quase apanhando o tatu quando o animal caiu num buraco.

O velho o viu descer como um avião, cair num campo e correr em direção à floresta. Ele alargou o buraco para poder olhar para baixo, mas o vento estava tão violento que o levou de volta à superfície.

O vento continuava a soprar pelo buraco, aumentando cada vez mais a abertura.

Quando o velho voltou à aldeia, os outros lhe perguntaram:

— Onde está o tatu?

— Caiu numa terra debaixo da nossa, uma terra com belos campos, que não é como a nossa, é coberta de florestas. Mas o vento soprou e me trouxe de volta para cá.

A história foi discutida no ngobe, a casa dos homens. Os homens mandaram um meokre, que é um menino de 13 a 14 anos, buscar o velho para que ele contasse o que lhe acontecera.

Toda a assembléia resolveu ir ver o buraco. O vento o alargara e dava para ver os belos campos. Tomados pelo desejo de descer, os homens juntaram todas as cordas e fios de algodão que possuíam. Fizeram uma corda única que experimentaram no outro dia, mas ainda era muito curta, só chegava à metade do caminho.

Com outras pontas de fios, os homens encompridaram a corda até que ela alcançasse a terra. Um kuben-kra (que quer dizer o filho de um homem) quis ser o primeiro a descer.

Amarraram-no bem e o fizeram escorregar. O vento o empurrava de um lado para outro.

Enfim, ele chegou aos campos, achou-os belíssimos e subiu de volta. No céu, ele disse:

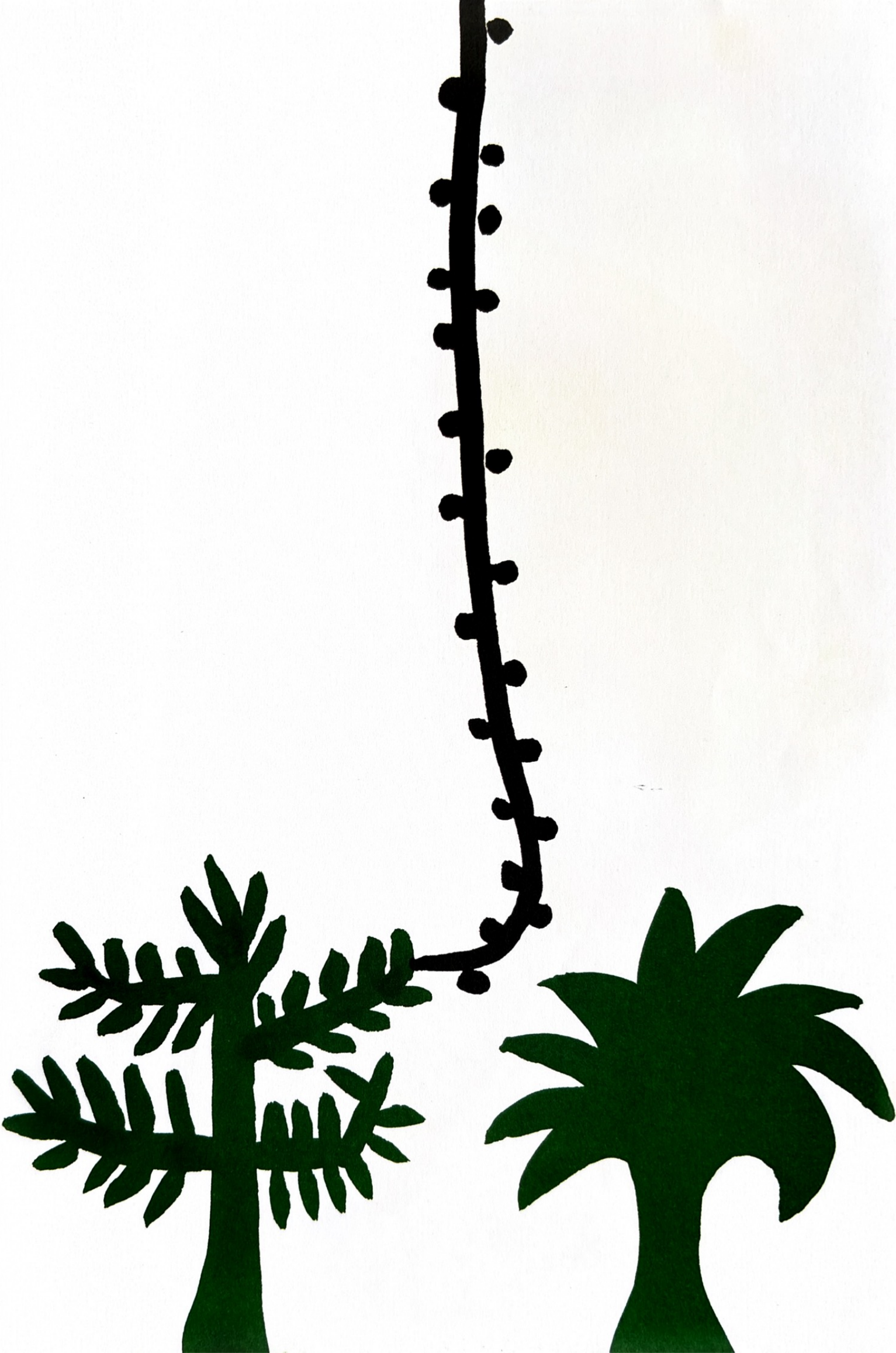
— Os campos lá embaixo são lindíssimos, vamos viver lá!

Fizeram-no descer mais uma vez e ele amarrou a extremidade inferior da corda numa árvore.

Então, homens, mulheres e crianças escorregaram ao longo da corda.

Pareciam formigas descendo por um tronco.

Muitos não tiveram coragem de descer, preferindo ficar no céu. E cortaram a corda para impedir mais uma descida.



A cabeça voadora

Uma moça muito bonita, Tianoá, era casada com Kwata-apap, o filho de Arekuaion, um grande pajé e um dos primeiros seres a existir no mundo.

Todas as noites, quando o marido adormecia, a cabeça de Tianoá desprendia-se do pescoço e voava para as casas e roças alheias, roubando alimentos e carne. Só a cabeça ia passear; o corpo ficava na rede, abraçado ao marido. De madrugada, zunindo, a cabeça voltava e colava-se ao corpo outra vez.

O filho de Arekuaion, Kwata-apap, de nada sabia, mas sempre escorria um pouco de sangue quando Tianoá voltava, e o marido acordava com o peito manchado de sangue coagulado. A cabeça de Tianoá fartava-se de comer — só que ninguém sabia para onde ia a comida, se ela estava solta do corpo.

Quando ia fazer chicha, a bebida do povo Tupari, Tianoá cortava os dedos com taquara, uma madeira bem fina, porque

naquele tempo não existia faca, e deixava escorrer um pouco de sangue na bebida, sem que ninguém percebesse. Era seu jeito bem estranho de fermentar a bebida. (É um costume Tupari as mulheres mastigarem alguns pedaços de milho, mandioca ou batata e cuspirem na sopa para provocar a fermentação.) Tianoá gostava de trabalhar no escuro, não deixava ninguém acender a luz de resina.

Os outros moradores da maloca repararam no sangue no peito do filho de Arekuaion, e resolveram ficar de tocaia para saber o que acontecia.

Acabaram descobrindo; contaram para Arekuaion, que ficou bravíssimo. Combinaram todos de juntar lenha e cozinhar chicha, como se fosse para uma festa.

Sem saber que fora surpreendida, Tianoá ajudou.

Quando a cabeça largou do corpo e foi para bem longe roubar comida, os vizinhos acenderam uma fogueira altíssima, pegaram o corpo sem cabeça e atiraram às chamas.

Mesmo lá longe, a cabeça sentiu uma dor horrível, deu urros atormentados e veio correndo juntar-se ao próprio corpo, dentro da fogueira.

Tianoá ficou inteira, saiu toda queimada, muito feia mas viva ainda, foi banhar-se para esfriar e limpar as cinzas.

Virou bacurau, ou **panhaom**, o pássaro que canta de noite. O bacurau tem uma boca muito larga e come insetos; tem penas marrons e canta com a lua clara. Hoje, quando esse pássaro canta, é sinal que alguém vai morrer. Os velhos falam para as crianças que é panhaom, para meter medo.

A partir do dia seguinte, o bacurau-panhaom começou a vir cantar na aldeia todas as noites.

O filho de Arekuaion ouviu e quis matar. Quando foi pegar suas flechas e o arco, não achou mais o pássaro; a mulher tinha se escondido. O bacurau o chamou:

---

panhaom: bacurau, um pássaro em tupari; é também o nome de uma estrela.

— Não sou **bicho**, sou sua mulher, apaixonada por você! Vim te buscar, meu pai e meu irmão vieram te convidar para morar conosco na nossa aldeia, no céu, lá é lindo!

Tianoá agora era tarupá, um fantasma, um espírito, na forma da mulher do filho de Arekuaion. Tanto ela insistiu que ele foi junto. O pai de Tianoá fez um cipó para eles subirem ao céu; o cipó ficava pendurado bem no alto, tão no alto que até sumia no céu. Tianoá não sabia subir, ficava treinando. Nem ela nem o marido sabiam voar; experimentavam subir e caíam; de repente aprenderam.

No céu, a família de Tianoá recebeu muito bem o filho de Arekuaion, o irmão e o pai dela ficaram alegres. A mãe chorava porque Tianoá estava toda queimada.

Os pássaros, parentes de Tianoá, fizeram uma festa grande, beberam e dançaram, prepararam belíssimos enfeites de plumas para panhaom e o marido usarem no céu.

---

bicho: ser, ente sobrenatural, não necessariamente animal.

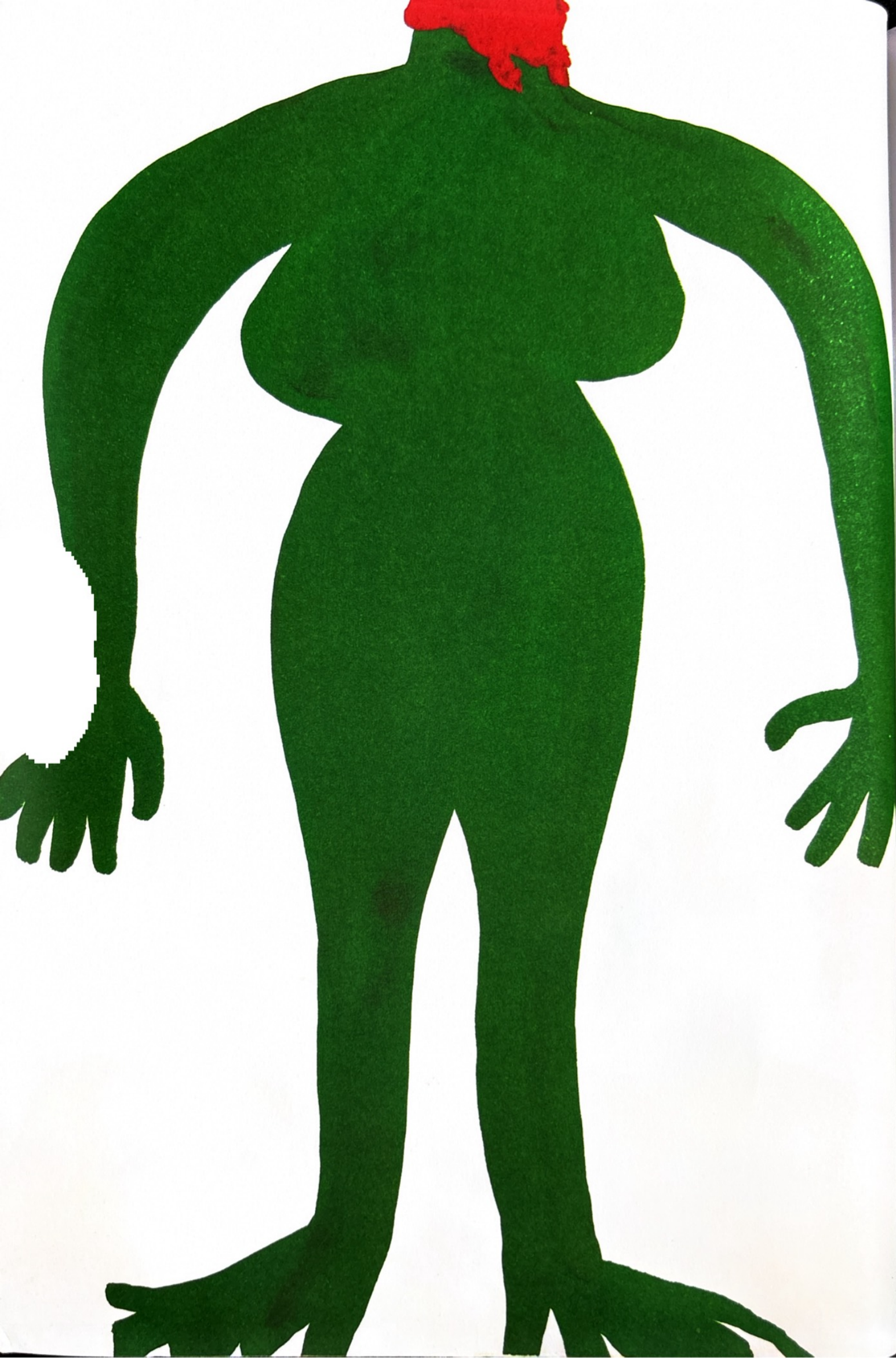
Assim que subiram, Tianoá fez um estrondo tão grande que até a terra tremeu.

Os parentes subiram e viraram Tianoá, espírito que sente o cheiro de sangue e vai chupar e comer carne. Hoje, eles aparecem quando alguém mata uma pessoa; então acendem uma luz no céu, fazem estrondo e vêm pousar no chão para chupar o sangue e a carne de quem morreu. Só vêm quando alguém é morto, assassinado.

Na terra, os velhos pajés, quando ouvem o estrondo, "**curam**" a comida, a chicha e a água, isto é, fazem um ritual mágico, e beliscam a orelha dos meninos para escaparem do mal.

Panhaom é uma estrela que está bem perto das que são conhecidas como Três Marias. Quando canta lá em cima, o bacurau canta embaixo. Ela aparece durante a seca, em agosto.

"curar": fazer com os alimentos ou pessoas rituais mágicos, espécies de rezas ou encantações para evitar o mal.



A bruxa

Tem mulher que vira bruxa. Deixa a cabeça num canto, lá onde vai virar bicho. A cabeça fica parada, deitadinha, sai só o corpo pelo mundo, soltinho. Vai pelo mundo, sem cabeça.

Assim, contam que é bruxa sem cabeça, o corpo voando bem danadinho por matos e caminhos afora, a cabeça descansando. Não acredito. Contam que a bruxa desprega a cabeça e deixa parada, fixa no mesmo lugar. Tira a cabeça, depois coloca de novo? É possível a mulher fazer a cabeça grudar-se e desgrudar-se da dona, do pescoço que é seu?

Vai guinchando, comendo o que passar, correndo sete províncias. Come tudo o que encontrar, tem uma fome muito grande. Criança, talvez não. Só se for muito pequena...

De madrugada, antes de amanhecer, ainda no escuro, volta para onde virou, para a mesma cabeça, vira mulher perfeita. Ninguém percebe, faz o vôo na dormida, na sua casa todos dormem, enquanto a bruxa vai para sua penitência, correndo

sete províncias. Quando vem de volta, pega o mesmo resto que deixou, as peças de roupa, a cabeça e vai se trocar, pega a cabeça e cola no corpo, veste-se, vai dormir.

Porque ela vai pelas sete províncias, nua em pêlo, nua do jeito que nasceu, batendo o caco velho no corpo. Bate o couro velho, lepo-lepo-lepo... A roupa fica do lado da cabeça, e também os enfeites. Vai se encontrar com Satanás... Voa é com o poder de Satanás, não anda com seu próprio poder, a força não é dela mesma.

Quando se cansa, volta para trás, vai dormir, agarrar a cabeça deitada. Ninguém vê que ela saiu, voando como bicho e voltou. Mas começam a desconfiar que aquela mulher é bruxa, porque parece que ela fica doente, amanhece o dia triste, vomitando, engulhando, amarela, não quer comida, vai definhando.

A mulher que é bruxa vai ficando fraca e amarela com seus passeios. Só se cura quando é pega, quando os outros desconfiam e é apanhada.

O povo mais velho conta esta história da bruxa que corria, ficava assombrando as pessoas nas estradas, nos caminhos, de noite, fora de hora. Lá ficava, sem cabeça...

Uns contavam para os outros da mulher que passava a noite nas estradas, correndo, fazendo doidice, assombrando todo mundo. Um rapaz deu com o lugar onde ela virava bruxa, onde deixava a cabeça e suas vestes, onde ficava a informação do que ela fazia. Contou, ajuntou-se um grupo de homens, foram ver...

Era verdade, viram a cabeça sem corpo, vivinha, o rosto da mulher-bruxa, os olhos abertos, o cabelo bem bonito e comprido. Nem sei se saía sangue, se a cabeça falava.

Os homens foram lá para desencantar, naquele dia. Fincaram uma faca bem rente à cabeça e esperaram, escondidos. A bruxa veio, só o corpo sem roupa, era linda essa mulher...

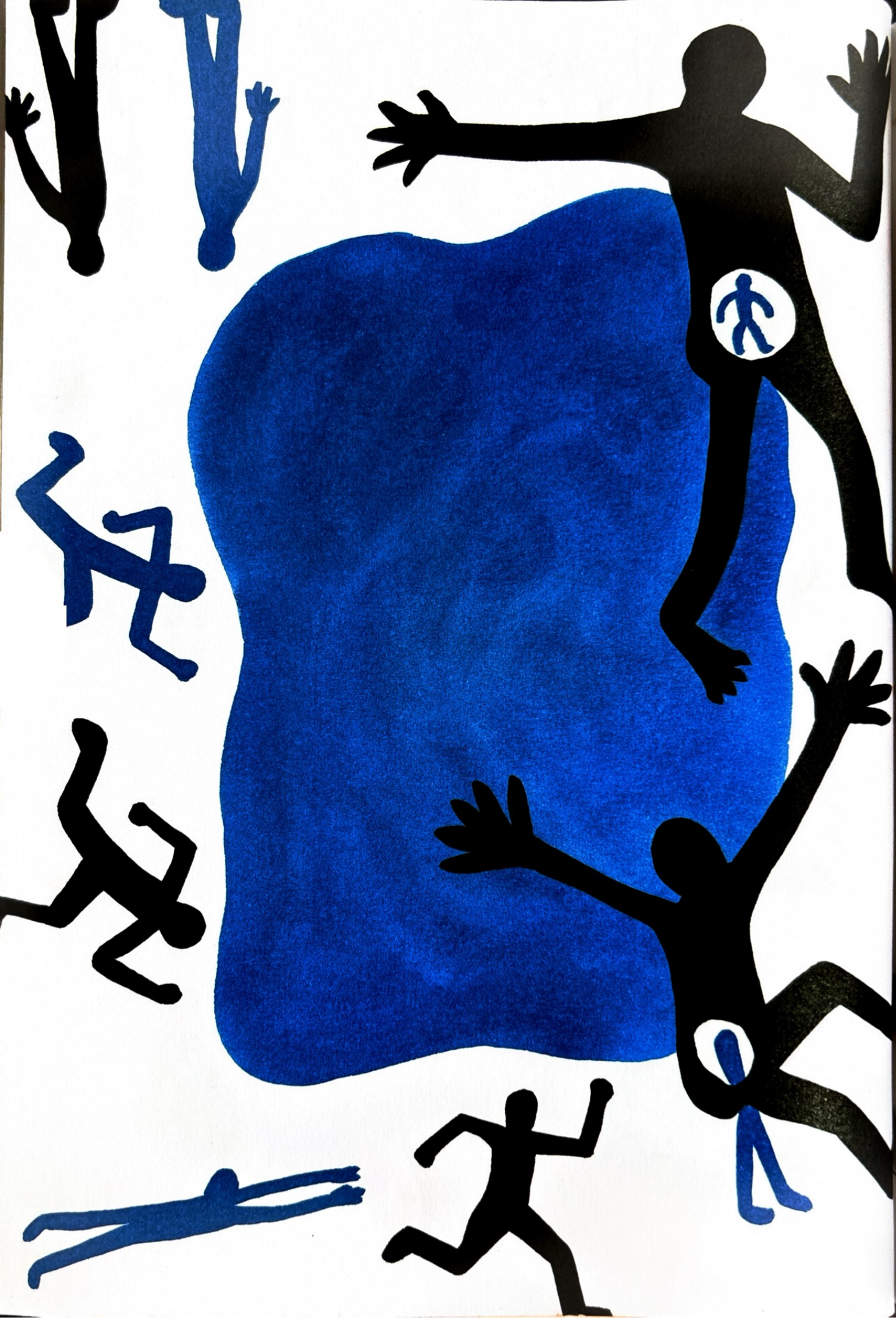
Ela tentou encostar na cabeça, mas não conseguia, a lâmina da faca impedia, não virava mulher inteira outra vez, era o aço frio e o metal que a afugentavam.

O corpo voltou para trás, não conseguia fincar na cabeça. Ia tentando, tentando... Dava aquele guincho de bruxa, voltava na carreira.

Amanheceu, o sol saiu, e na luz do dia ela não podia vir. Quando chegou perto de meio-dia, eles contando as horas, foram tirar a faca. Ela se arriscou mais uma vez, pegou a cabeça do chão, foi para casa dormir. Passara da hora, e assim ela se desencantou, não virou mais bruxa, já era dia.

Meu pai é que contou essa história. Faziam assim, ajuntando os homens para desencantar aquela pessoa que estava ficando doente, chorando, ficando velha, pessoa que não prestava nem para comer, estava correndo na rua.

Iam atrás de quem estava se encantando, aquele fantasma na rua, iam esperar, um dia pegavam na mulher virada, punham a faca entre a cabeça e o corpo, desencantavam. Não virava mais aquele inseto mau. Ainda existe bruxa que aparece, é uma visão da noite. Quando tem bruxa, a gente sente passar guinchando.



A história do peido

Um homem vai caçar e encontra um índio bem estranho, completamente diferente do seu povo. Começam a conversar, perguntam o nome um do outro e o estrangeiro diz que se chama Peido. O caçador vê que o outro está se tornando ameaçador; fica com medo e foge, corre, corre.

Peido vai atrás, cada vez mais depressa.

O caçador já está bem adiantado, mas tropeça num tronco, cai de bruços — e Peido entra dentro dele pelo ânus.

O caçador fica desesperado de ter o outro dentro de si, mas Peido o sossega:

— Quando você se sentir mal, não fique preocupado, que eu saio, você pode me soltar!

Assim é que surgiu o peido.

O menino que fazia cocô de amendoim

Nonombziá é o herói mágico que, nenezinho ainda, já virou homem. Foi ele quem deu ao seu povo Jabuti o milho, o feijão e as plantas. Também foi ele quem deu a anta e outros animais de caça que existem.

Nonombziá casou com a irmã de Karupshi e Kawewé, que são os companheiros criadores que tiraram a humanidade de debaixo da terra, deixando que povoassem o mundo.

Nonombziá teve um filho que só fazia cocô de amendoim.

Karupshi e Kawewé não sabiam.

Todo mundo gostava de comer amendoim; até os que não eram índios gostavam.

Um dia Nonombziá e a mulher saíram e pediram a Karupshi e Kawewé que cuidassem do menino pequeno.

— Se ele quiser fazer cocô — avisaram, — vocês mandem que vá para o mato, nada de fazer dentro de casa.

Mas o menino era pequeno, a barriga começou a mexer, fez em casa mesmo, como estava acostumado.

Kawewé e Karupshi olharam, ficaram escandalizados:

— Veja só o que estamos comendo todo dia! Pensando que é planta e é essa sujeira!

Apertaram a barriga do menino, saiu mais amendoim. Os tios o transformaram num pássaro, chamado japó.

Começou a chover.

Lá de longe, Nonombziá já percebeu que tinha acontecido alguma coisa com o filho, por causa da chuva. Era pajé, de longe sabia. Voltou correndo com a mulher e logo perguntou para os cunhados onde estava o menino

— Xô, xô! — o menino-japó piou de cima da rede.

A mãe chorou muitíssimo, furiosa com os irmãos. Nonombziá resolveu se vingar dos dois. Kawewé e Karupshi viraram pássaro jaburu, para ir roubar o tabaco de Nonombziá. Iam à roça de Nonombziá, chupar folha de tabaco da plantação do cunhado.

Nonombziá, com o espírito, fez uma tinta para grudar as asas dos cunhados, prendê-las e costurá-las como se fosse com linhas. Quando os dois bicaram o tabaco para chupar, ficaram com as asas presas.

Até hoje estão lá grudados, não podem mais fazer maldades.

Nonombziá virou espírito debaixo das águas, eré. Foi ele quem ensinou tudo aos "**civilizados**", aos parentes de vocês, ensinou avião, máquinas...

Para nós deu as plantas, a anta, o amendoim, antes de ir embora para o fundo dos rios.

"civilizado": termo usado em muitas regiões para falar de quem não é índio. Entre aspas por ser palavra preconceituosa, e erroneamente parece indicar a superioridade de uma sociedade sobre a outra.

Peixoté, ou a casa dos espíritos

No tempo dos nossos antepassados, havia um homem chamado Ixiwai – nome que significa "o dono da bebida". De uma hora para outra ele endoideceu.

Gritava e corria, dizendo "já vou!", como se fosse louco. Quando os outros perguntaram o que havia, respondeu:

– É que tive um sonho ruim, pessoal! Sonhei que ouvia o mutum piando, sinal de que alguém ia nos matar. O inimigo chegava e acabava com o nosso povo.

– Que sonho agourento, como é que isso foi te acontecer! Agora só há um jeito para prevenir a má-sorte. Você deve ir falar com todo mundo em sua casa, pendurar-se na porta da maloca e balançar o corpo, dizendo "não vou morrer, não vou morrer, afaste-se de mim, ó agouro ruim!" – ensinaram os companheiros.

– É isso mesmo que vou fazer! – concordou Ixiwai. E foi embora correndo, para livrar-se do mau-olhado.

Mal tinha andado um pedacinho do caminho, esqueceu-se de tudo. Ainda estava perto, mas não se lembrava mais do que lhe acontecera. É que seu espírito foi ficando para trás, querendo agarrar-se a uma maloca velha abandonada, e o corpo caminhava sozinho.

Os antigos donos das malocas, os nossos avós, passavam todos os dias por essa maloca velha, lá ficavam de tocaia, tentando caçar os bichos que vinham comer frutos e coquinhos.

Quando Ixiwai passou, viu na maloca apenas uma velhinha alquebrada, que não tivera forças para acompanhar o resto da família na mudança.

— Ó titia, como vai! — perguntou Ixiwai, com pena de ver a velhinha largada pelos outros, na maloca abandonada.

— Vou bem, e você, meu sobrinho? — a velha respondeu.

— Eu vim fazer uma armadilha — explicou Ixiwai.

— Ah, que bom! Então, traga-me pelo menos um pedacinho, se você conseguir pegar alguma caça — pediu a velhinha.

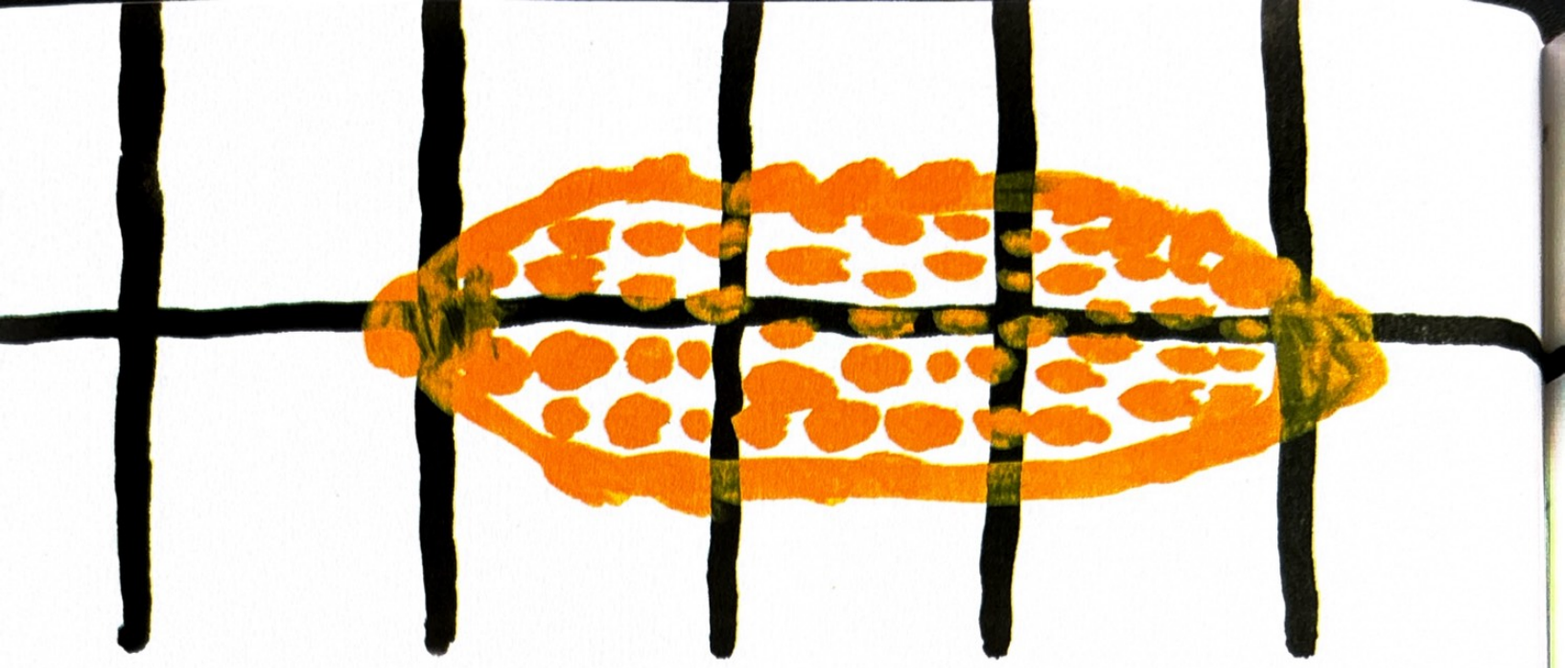
Ele respondeu que traria, e logo mais caçou uma cutia.

Pensando em comer com a velhinha a carne de cutia, apanhou umas larvas que crescem dentro dos coquinhos de tucumã, consideradas grande iguaria, e embrulhou-as em folhas. E voltou para dar o presente.

Bem no fundo da maloca, no esteio mais distante da porta, Ixiwai viu algo como um fogo, uma brasa viva, e não percebeu que era o traseiro da velha, iluminado como uma chama, como se ela tivesse uma fogueira pendurada nos quadris.

— Moiá! Moiá! Titia! Titia! — Ixiwai ia andando ao longo dos esteios da maloca e chamando a velhinha, aproximando-se dela. Já no fundo, foi soprando o fogo pendurado na velha, pensando que era brasa de verdade.

Uaaaah! Fez um barulhão, quando ele soprou. Era a velha virando alma, um espírito que queria agarrá-lo. Não havia nem velha nem fogo.



Ele correu apavorado, o mais depressa que pôde.

— Lá vai ele fugindo! — gritava a velhinha para outros espíritos, que apareciam em quantidade cada vez maior.

Ixiwai chorava, chorava, aterrorizado. Aí, de repente, ouviu alguém chamando:

— Ei, moço, não chora, vem aqui!

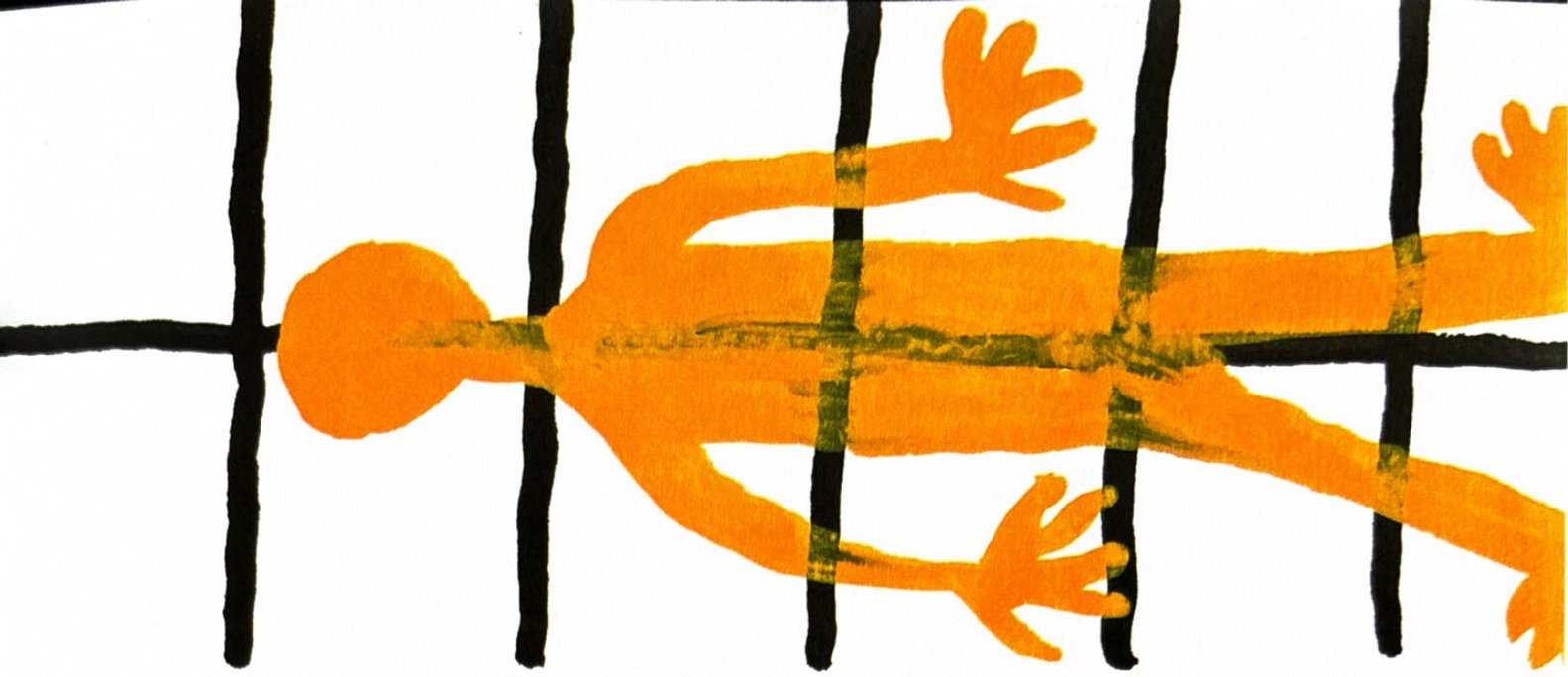
Era o Milho, o Milho que ele mesmo tinha colhido e guardado, num **jirau** alto, na casa velha. Num zás-trás, ele deu um pulo e já estava lá em cima, abrigado no jirau do Milho. É que na hora em que os espíritos apareceram, o milho tinha virado gente.

— Matem o moço, matem! — bradava a cutia que Ixiwai caçara, e que havia pendurado, ainda sangrando, no teto da maloca. Agora, de morta tinha virado viva, e exigia vingança:

— Foi assim que este homem me matou, vejam meus olhos virados porque hoje sou cadáver, foi aqui que ele me amarrou.

---

jirau: armação de varas ou de madeira.



Agora façam o mesmo com ele! – a cutia gritava, de olhos esbugalhados.

Aí toda a casa começou a se mexer, os espíritos agitavam-se como se fossem gente viva do tempo em que a maloca ainda era habitada.

– Vamos buscar lenha para cozinhar a bebida e fazer festa! – diziam os espíritos entre si, fazendo os barulhos de andar e pegar lenha para cozinhar, pensando em comer o moço. As almas rachavam lenha, ouviam-se as pancadas dos machados.

– Vou fazer minhas flechas! – um espírito falou, aprontando-se para matar o foragido.

O movimento era tanto que os espíritos esbarraram no tronco onde os homens se sentam, e que é o centro da casa, o **iamá**. E ele caiu com estrondo, como que anunciando o fim de tudo, apavorando ainda mais o pobre rapaz.

---

iamá: tronco ou assento dos homens; também é a casa, a aldeia em língua suruí.

Ouvia-se o chacoalhar da água transportada nos panelões de cerâmica. As almas começaram a socar milho no pilão.

"Tong, tong, tong"... Era o ruído da mão de pilão socando o milho para comer com a caça.

O pânico de Ixiwai crescia, pois sabia que a caça era ele.

Já estavam os espíritos em plena festa, tomando grandes quantidades da sopa fermentada, a **makaloba**, e vomitando-a para se embebedar. Nada distinguia essa festa de uma festa **iatira**, dos vivos de verdade. As almas dançavam e riam com alegria, como as pessoas que, há tempo, haviam morado na maloca. Cantavam e chamavam todo mundo para beber:

— Ei, irmão! É hora de dançar e beber, nada de dormir, vamos brincar a noite toda, até a madrugada! — diziam.

Uma das almas, a mariposa, a borboleta da noite, bebia e

---

makaloba: palavra usada pelos Suruí para a chicha, bebida fermentada.

iatira: festa, com bebida indígena que embriaga, do povo Suruí.

dançava. As crianças choravam, gritavam, queriam o colo dos pais, como que repetindo uma festa verdadeira que tivesse acontecido há muito tempo nessa mesma casa.

— Não chore, filhinho, não fique na minha frente chorando, porque quero me embebedar e não posso cuidar de você! — as almas de homens e mulheres advertiam as crianças.

— Vamos dançar, minha gente! — insistiam as mariposas, bichos soturnos do medo e do escuro.

Os espíritos encarregados de fazer a comida, que são os que oferecem a festa e a bebida makaloba, mandavam suas mulheres trazerem cada vez mais tigelas de barro, cheias até a borda de bebida:

— Ofereçam mais makaloba para os nossos convidados que estão chegando, ó minha gente! — diziam, na alegria de embebedar os visitantes, como se fosse uma festa do tempo passado, do tempo em que todos eram vivos.

— Quem é que vai chamar o Macaco-da-Noite? — lembrou uma alma, de repente, pois Iaati, o Macaco-da-Noite, é um monstro temido pelos homens, que consegue subir em lugares altos, como o jirau onde Ixiwai estava escondido; seria, portanto, capaz de matá-lo antes do amanhecer.

— Pode deixar que eu vou! — disse um dos espíritos, e saiu correndo.

"Tum, tum, tum", logo se ouviu a flautinha do Macaco-da-Noite, anunciando sua chegada. O som era fraquinho, ainda distante, vindo do céu, sua morada longínqua.

— Ai, ai, ai... O Macaco-da-Noite está chegando para me comer... — chorava Ixiwai, lá escondido com o Milho.

— Espera aí, vamos ver o que consigo fazer por você! — o Milho tentava acalmá-lo.

O som da flautinha do Macaco-da-Noite vinha chegando mais perto, aumentando cada vez mais.

— Ai de mim, o Macaco-da-Noite já está quase aí para me comer! — gritava Ixiwai, apavorado.

— Sossegue, rapaz, não se amedronte! Temos que dar um jeito nisso! — o Milho repetia.

Começou a clarear, o dia vinha chegando. Conta-se que é só no escuro, até a madrugada, que sofremos com os espíritos.

Foi a vez dos espíritos se atemorizarem, pois perderiam o poder com a luz do dia e, em vez de almas dos mortos, voltariam a ser os objetos da casa abandonada.

— Vou desaparecer, virar outra vez o que eu era!

— Vou virar a casa velha! — dizia um deles, vendo o dia surgir.

— Vou virar uma esteira velha! — dizia outro.

— Vou virar brasa, a lenha acesa jogada no canto! — dizia ainda outro.

— Vou virar pilão velho!

— Vou virar mão velha de pilão! — diziam outros mais.

— Vou virar nosso canto velho da casa, o quarto de dormir!

— Vou virar esteira velha! — repetia mais um.

Os espíritos iam sumindo, e o dia vinha amanhecendo.

Conta-se que, então, os espíritos puseram escorpiões, cobras, aranhas, formigas tucandeiras, todos os bichos perigosos, bem debaixo do jirau alto onde Ixiwai estava escondido, para ele não poder descer.

Clareou, e o irmão de Ixiwai veio buscá-lo:

— Onde está você? — procurava.

— Aqui! Foi aqui que as almas me atormentaram! Foi aqui que me torturaram!

O irmão, com ajuda de outros parentes, matou todos os escorpiões, cobras e aranhas, e fez descer e voltar para casa um Ixiwai agradecido e aliviado.

Santi, o perneta, ou a risada inconveniente

Antigamente, muito antigamente, um grupo de índios foi guerrear e atacar outra maloca.

Um dos guerreiros passava o tempo todo lembrando de sua casa. Ora, isso é proibido. Quem vai para a guerra não pode ficar com saudades da família, da aldeia, senão acaba morrendo na batalha. O homem lembrava — pensava na mulher deitada na rede com ele, alisando seu corpo, catando seus piolhos.

— Não! — gritou. — Sonhei que minha mulher tão jovenzinha estava fazendo sopa de mandioca na minha roça!

— Como é que você sonha uma coisa ruim dessas? Por que faz isso conosco, trazendo azar a todos da aldeia? — os outros reclamaram. — Não pense nela nem nos de lá. Agora você só tem que fazer guerra. Sonhando assim é melhor você voltar para a aldeia e ser pendurado na porta, morto pelos inimigos!

Continuaram andando, e dormiram no mato. No dia seguinte, acordaram com o guerreiro gritando, bem cedinho:

— Não! Não é que fui sonhar de novo? Lá estava eu tirando batata-doce na minha roça, para minha mulher mocinha cozinhar nossa bebida...

— Como você faz isso conosco, vai nos fazer acabar perdendo a guerra? — indignaram-se os outros. — Agora você vai lá na sua casa e os inimigos vão te esfolar vivo e te pendurar, gritando, no esteio da porta!

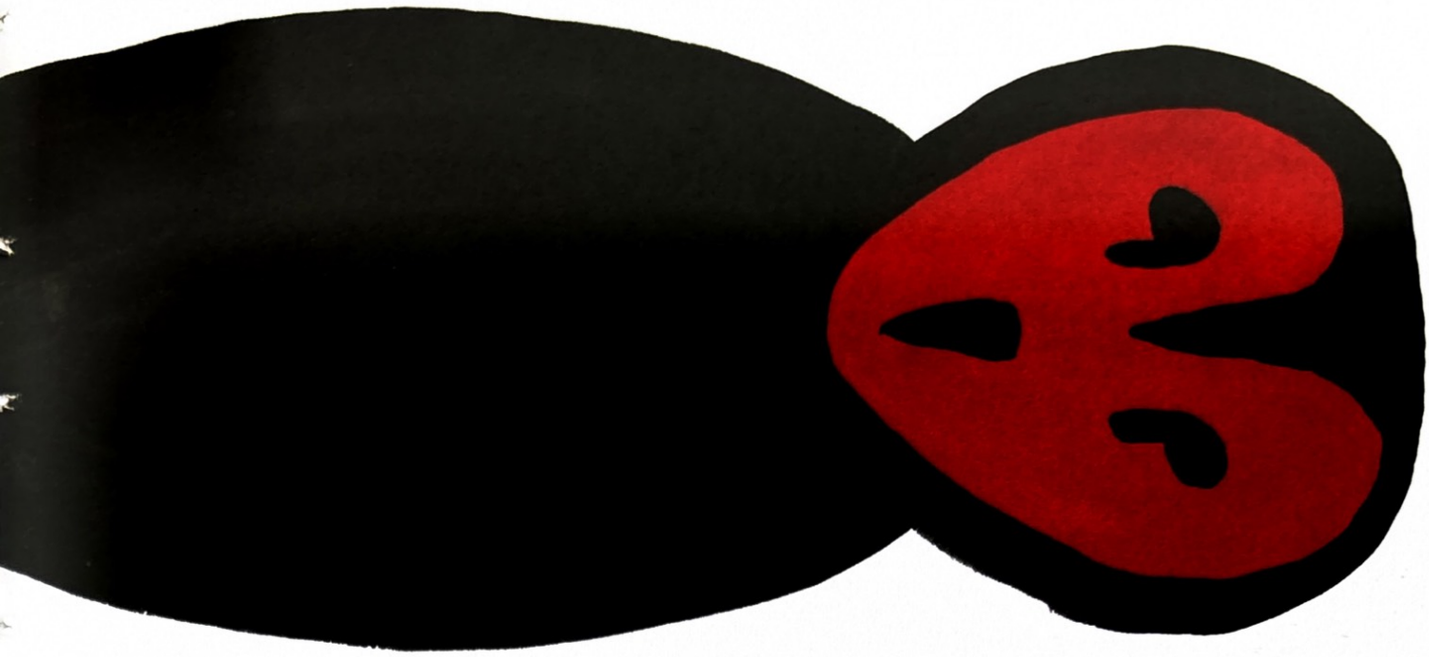
Dormiram no mato mais uma noite, e o guerreiro saudoso ouviu o nambu piar o tempo todo na floresta. Mal sabia ele que não era nambu, e sim o índio inimigo fazendo tocaia.

De manhã, contra o conselho dos companheiros, resolveu caçar o nambu e desapareceu, talvez cercado e assassinado pelos inimigos. Os outros nem ligaram muito e foram embora.

Na noite seguinte, foi um mutum que piou o tempo todo.

Um dos homens acordou e contou que tinha sonhado com sua casa, com a mulher, com o jeito dela namorar e cozinhar.

— Isso você não pode, irmão! — avisaram os outros. — Agora



é só tempo de guerra. Ou você vai morrer na sua própria casa, amarrado na porta por estrangeiros inimigos.

Apesar disso, na manhã seguinte, o sonhador resolveu ir caçar o mutum que piara à noite, e desapareceu. Os outros continuaram a viagem, sem se preocupar muito com o irmão que morrera, e dormiram noutro lugar.

Nessa noite, foi Mokoba, a coruja, que piou para eles. Um dos homens olhou para a coruja e falou:

— Você é tão engraçado, tem a cara igualzinha à vagina da sua mulher, daquela-com-quem-você-brinca-sempre... — e quase morreu de rir.

A coruja ficou triste, escondendo o rosto com as mãos:

— Por que hão de querer caçoar assim de mim?

Com raiva, foi chamar o **garagap** (serelepe) para vingá-la.

---

garagap: quatipuru, caxinguelê ou serelepe em língua suruí. Mamífero roedor que vive na floresta, parecido com esquilo.

Pediu-lhe, como um favor imenso, que cortasse a perna do homem que a insultara.

O serelepe não se fez de rogado, foi lá e roeu a perna todinha do homem, deixando só um osso, afiadíssimo como uma lança. Todo mundo perguntava:

— Como é que a perna dele foi ficar assim, afiada? — e com medo, correram. Foram dormir noutro acampamento.

Durante a noite, ouviram o nambu piar e, de manhã, ficaram de tocaia, esperando o nambu vir comer a fruta **kaban**.

O homem de uma perna só também veio buscar fruta, pulando, pulando. Os outros acharam graça de vê-lo pulando, e caíram na gargalhada.

— Quem está rindo de mim? Vou matar e comer todo mundo, por causa dessas risadas!

Morto de raiva, ele espichou a perna do osso afiado e matou os que estavam mais perto, comendo-os depois.

---

kaban: uma fruta, cupari.

Os que restaram continuaram andando, e acamparam noutro lugar. De manhã, ficaram de tocaia, para esperar um mutum que tinham ouvido à noite, e que vinha ali pegar frutos. Também o homem da perna afiada veio olhar os frutinhos.

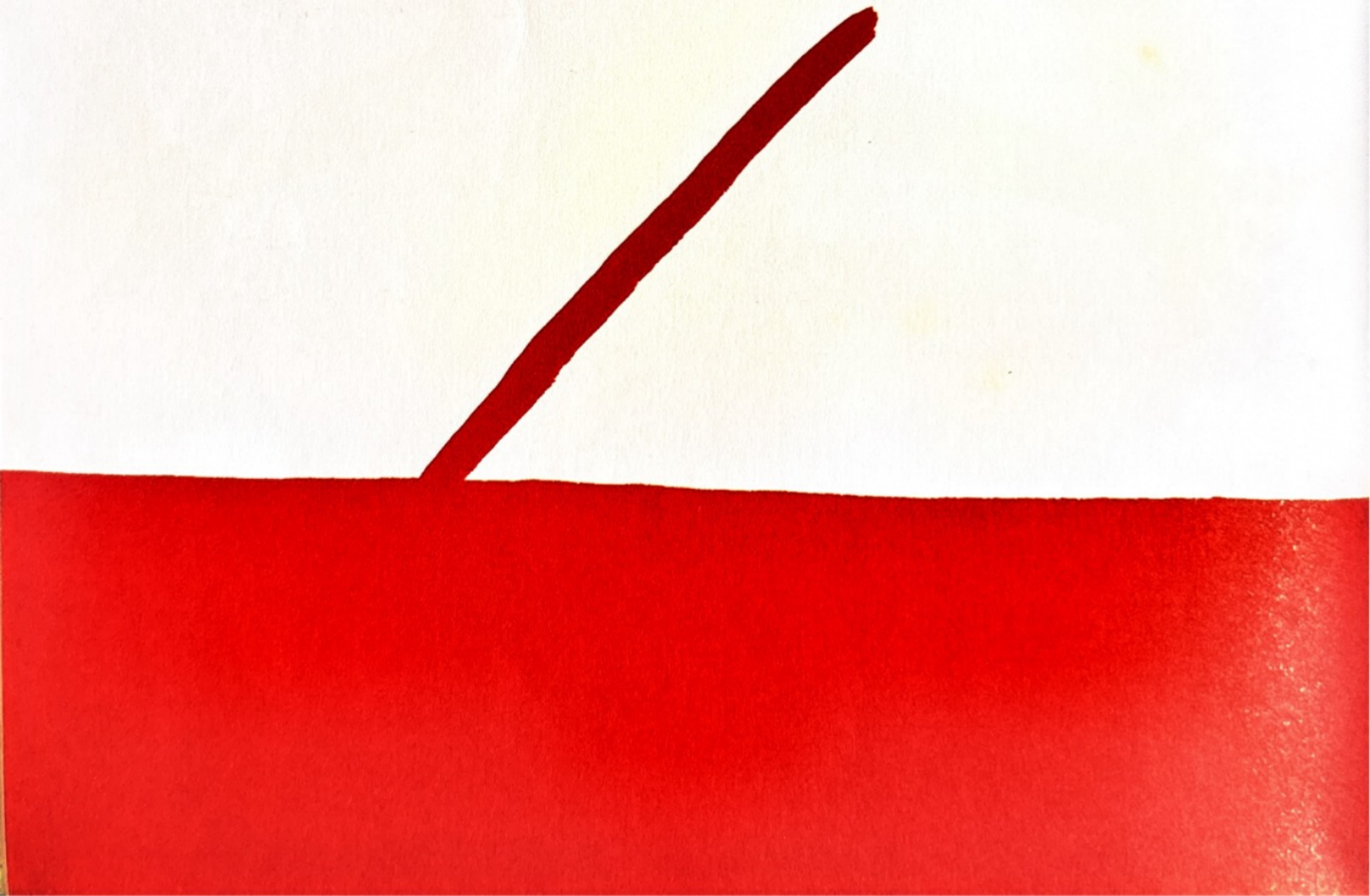
— É ele que está acabando conosco, nos comendo! — uns preveniam os outros.

Era ele que vinha pulando na única perna, e não conseguiram conter os acessos de riso, ao vê-lo tão ridículo.

— Quem está rindo de mim? — e foi espichando o osso para matar os risonhos.

Mas um deles, escondido na tocaia, pegou um machadinho bem amolado e zugte! Cortou-lhe a perna-lança. Sem perna, ele entrou na árvore abora, o pau-barrigudo, e virou Santi, o pai do mato, sempre tentando matar os homens. Foi assim que Santi, o perneta do mato, que antes não existia, surgiu no mundo.

Santi pega as pessoas no mato, mas é também o espírito protetor invocado pelos pajés para cura e apoio aos vivos.



Os povos indígenas das histórias

Cinta-Larga

São cerca de 700 pessoas, compreendendo vários grupos diferentes, vivendo no Parque Indígena do Aripuanã e outras áreas já demarcadas em Mato Grosso que, em conjunto, compreendem mais de 2.700.000 hectares. Falam uma língua do **tronco** tupi e da **família** mondé. Em 1963, os Cinta-Larga de Serra Morena foram vítimas de um massacre por empresas que cobiçavam suas terras; um dos participantes denunciou o crime, em 1966. O contato pacífico com a Funai (Fundação Nacional do Índio) foi feito por volta de 1970.

---

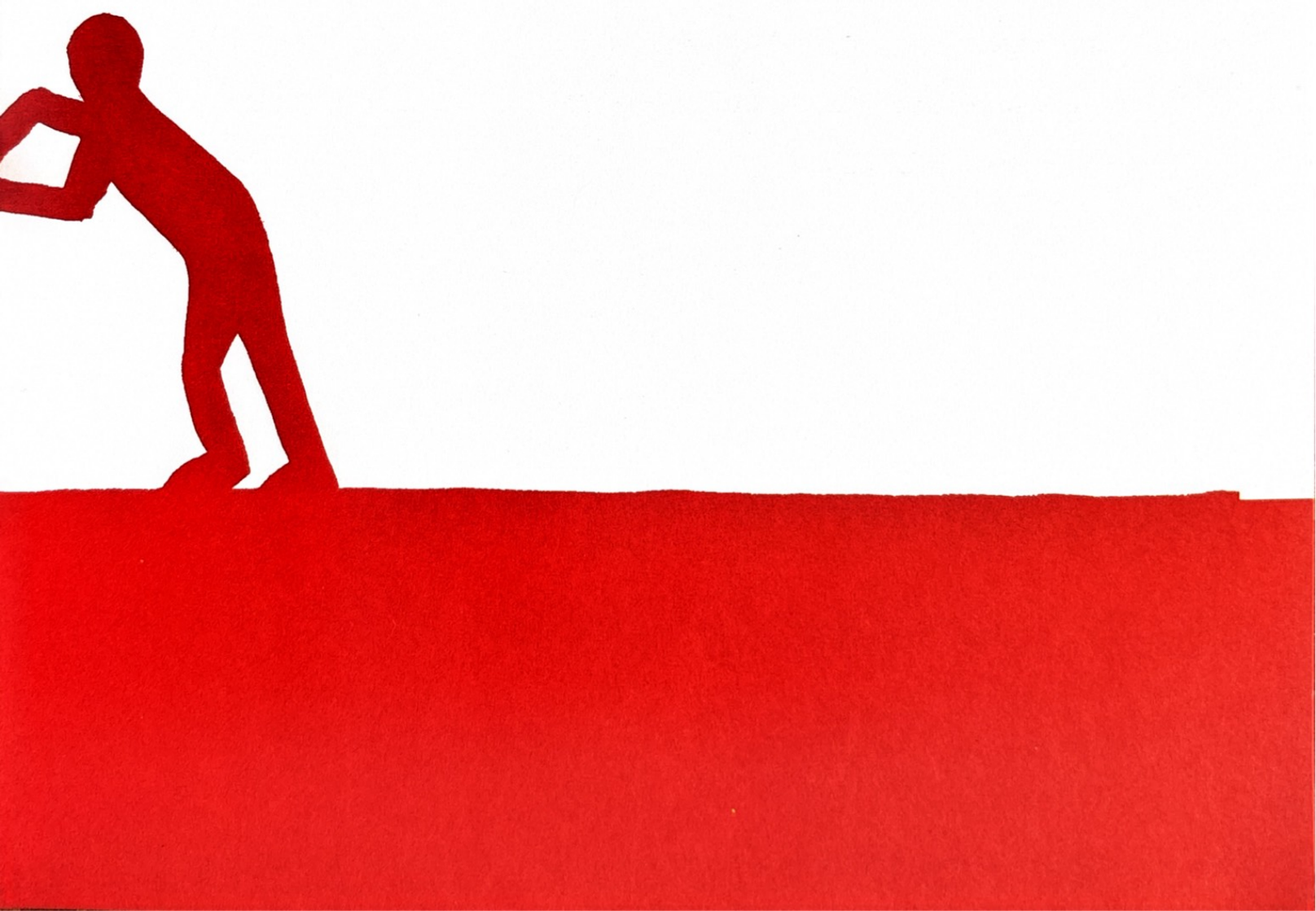
família e tronco lingüístico: a família é um conjunto de línguas aparentadas, que têm a mesma origem. As famílias entre si, por sua vez, podem ter uma origem comum, constituindo um tronco lingüístico. Há línguas, chamadas de isoladas, que não estão em nenhuma família e há famílias que não necessariamente se juntam num tronco.

Jabuti

São 50 ou 60 pessoas, vivem na Área Indígena Guaporé, em Rondônia, na fronteira com a Bolívia, uma área já demarcada de 116.000 hectares. Há mais alguns índios Jabuti morando na Área Indígena Rio Branco. Seu contato com o Serviço de Proteção aos Índios e com seringalistas é do início dos anos 40. Eram numerosos, mas a maior parte morreu de sarampo, nessa mesma época, quando trabalhavam em regime semi-escravo na produção de borracha da região. Falam uma língua isolada (isto é, que não tem parentesco, ao que se saiba, com nenhuma outra). Sua língua corre o risco de desaparecer, porque muitos índios Jabuti se casam com pessoas de outros povos, como os Macurap, e os filhos não aprendem a língua.

Kaiapó

Os Kaiapó estão subdivididos em muitos grupos, vivendo em áreas diferentes, por vezes bem afastadas entre si, em Mato Grosso e no Pará. São conhecidos por seu espírito guerreiro e pela mobilização política em defesa de suas terras e dos direitos dos índios. São mais de 5.000 índios, e ao todo têm direito a uma área de mais de 11 milhões de hectares. Sua língua é do tronco Jê.



Suruí de Rondônia, Paíter

Os Suruí de Rondônia, autodenominados Paíter, são cerca de 750 pessoas. Vivem numa área de 240.000 hectares, em Rondônia e Mato Grosso, demarcada em 1976. Falam uma língua do tronco tupi e da família mondé. Foram contatados pela Funai, em 1969. Mais de 300 Suruí morreram no início do contato, entre 1971 e 1974, de sarampo, gripes e epidemias, mas hoje estão crescendo a taxas bem altas.

Tremembé de Almofala

São cerca de 3.500 pessoas, que vivem numa área de 4.900 hectares, dos quais 4.500 ainda não demarcados. Foram aldeados em missão católica no século XVIII, na região onde estão ainda hoje, no Ceará. Vivem no que já era seu antes de 1500, mas perderam a maior parte de suas terras. Vêm resistindo há quinhentos anos contra os invasores mas já não falam sua língua. Desde os anos 80 estão fortemente mobilizados para garantir seus direitos como povo indígena. Sua tradição oral tem muita influência da cultura regional, dado o contato tão antigo com quem não é índio.

Tupari

Os Tupari vivem na Área Indígena Rio Branco, com remanescentes de outros povos, como os Macurap, Jabuti, Aruá, Arikapu, Kampé e outros. Há também alguns Tupari na Área Indígena Guaporé, em Rondônia, na fronteira com a Bolívia. A Área Indígena Rio Branco compreende 236.000 hectares e foi demarcada em 1984. Os Tupari são estimados em cerca de 200; a população total da Área Indígena Rio Branco é estimada em 350 a 400 e a da Área Indígena Guaporé em mais de 400. Falam uma língua do tronco tupi e da família tupari. Seus primeiros contatos com não-índios nos seringais são dos anos 40. Foram trabalhadores-escravos em seringais, e de 300 índios, cerca de 240 morreram de sarampo, entre 1948 e 1954; depois recomeçaram a crescer e a ter muitos filhos.

Notas sobre as autorias dos textos

O começo da humanidade. Narrador: Konkuat Tupari, 1989, narrativa registrada por Betty Mindlin.

A fera que nasceu junto com a humanidade. Narrador: Konkuat Tupari, 1989, narrativa registrada por Betty Mindlin.

A humanidade desce à terra. "Descente des hommes sur la terre". In: Métraux, A. *Mythes et contes des indiens Cayapo (Groupe kubem-Kran-Kegn). Revista do Museu Paulista*, São Paulo, N.S, v. XII, 1960, pp. 7-8. Publicado com autorização do acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

A cabeça voadora. Narrador: Maetsin Tupari, 1991, narrativa registrada por Betty Mindlin.

A bruxa. Narradora: Cícera Tremembé, abril de 1997, narrativa registrada por Betty Mindlin, transcrita em seus artigos "Uma bruxa nordestina: um tesouro Tremembé"; *Itinerários*, Araraquara, n.13, 1998; e em "Algumas narrativas dos Tremembé no Ceará: a tradição oral nas escolas". In: Almeida, L. S. de, Galindo, M., Elias Lopes, J. (orgs.). *Índios do nordeste. Temas e problemas II*. Maceió: Edufal, 1999.

A história do peido. Narrativa Cinta-Larga, 1980, registrada por Carmen Junqueira, em Serra Morena.

O menino que fazia cocô de amendoim. Narrador: Erowé Alonso Jabuti, narrativa registrada por Betty Mindlin. Versão semelhante in Mindlin, B. e narradores indígenas. *Terra grávida*. Rio de janeiro: Rosa dos Tempos, 1999, pp. 123-125.

Peixoté, ou a casa dos espíritos. Narrador: Gakaman Suruí. In: Mindlin, B. *Vozes da origem, estórias sem escrita*. São Paulo: Ática/IAMÁ, 1996, pp. 26-30.

Santi, o perneta, ou a risada inconveniente. Narrador: Dikboba Suruí, 1987, 1990. In: Mindlin, B. *Vozes da origem, estórias sem escrita*. São Paulo: Ática/IAMÁ, 1996, pp. 47-49.

A autora

Betty Mindlin é doutora em antropologia e trabalha há vários anos em projetos de pesquisa e apoio a grupos indígenas da Amazônia. Organizou e dirigiu um programa de formação de professores indígenas em Rondônia. É autora de vários livros e artigos sobre índios. Este é seu primeiro livro infanto-juvenil.

mitos do mundo

A coleção **mitos do mundo** tem como proposta levar às crianças um pouco da magia de histórias que, há séculos, povos muito diferentes vêm criando e recriando, contando e recontando, de geração a geração. Pretendendo ser o mais fiel possível ao universo cultural no qual o mito se originou, convidamos para esta coleção autores que são antropólogos, historiadores, professores. Todos são escritores que têm se dedicado a pesquisar, aprender e divulgar a sabedoria de culturas que – às vezes distante, às vezes tão perto – conhecemos tão pouco.

mitos do mundo

Os surpreendentes mitos deste livro são histórias criadas por povos de grande sabedoria, que viveram ou ainda vivem uma vida muito diferente da nossa. Eles são recontados aqui por Betty Mindlin, antropóloga e grande conhecedora da cultura sobre a qual escreve.

Estas histórias, que ela ouviu dos povos indígenas e agora reconta neste livro, estão bem vivas e continuam sendo contadas ainda hoje como eram contadas antigamente.

Umas vão fazer você rir muito, outras talvez lhe deixem um pouquinho triste ou com um friozinho de susto na barriga. Mas todas vão fazer você pensar e, sobretudo, lhe mostrar como sempre foram interessantes, inteligentes e espirituosos esses povos que já viviam no Brasil antes do Brasil existir.

ISBN 85-7503-049-3
9 788575 030493

Betty Mindlin

O primeiro homem

e outros mitos dos índios brasileiros

Cosac & Naify